

Sutilezas preconceituosas em discursos sobre preconceito racial

Gabriel Silveira Pereira¹

Cristina Maria de Oliveira²

Resumo: O presente artigo discorre sobre a presença de sutilezas em discursos que envolvem a temática de *preconceitos raciais*, veiculados em redes sociais, as quais passam despercebidas por leitores e/ou ouvintes menos atentos. Tem como objetivo observar os estímulos que levam à realização de discursos racistas. Desenvolveram-se leituras de outros estudos com análise do discurso e questões envolvendo preconceitos racistas explícitos ou demonstrados a partir de sutilezas discursivas. O referencial teórico foi articulado a teorias discursivas sobre marcas de poder no discurso com enfoque no racismo (van Dijk 2013 e outros) e seu efeito na sociedade. Foram analisados trechos de comentários escritos por uma mesma autora, veiculados nas redes sociais e que viraram notícia; tais comentários foram divulgados em momentos diferentes. Observaram-se as sutilezas racistas presentes no discurso desses comentários, exaltando-se as diferentes perspectivas de cada momento em que cada um foi veiculado. Pode-se dizer que, mesmo que o preconceito não necessariamente seja assumido em público, ainda está presente nos mais diversos meios, em discursos visivelmente carregados de ódio ou expresso nas entrelinhas de discursos que se dizem defensores de igualdades, mas que acabam sendo pseudomoralistas.

Palavras-chave: Discursos. Sutilezas. Preconceito Racial.

Introdução

O presente estudo foi desenvolvido com o objetivo de analisar discursos sutilmente racistas, partindo do pressuposto de que o preconceito velado é bastante presente na sociedade atual, porém identificável nas marcas de violência e de discriminação.

¹ Acadêmico do Curso de Letras – UNICNEC/Osório - RS

² Professora de Análise do Discurso; Orientadora do estudo investigativo.

No decorrer da revisão da literatura, buscou-se a compreensão de concepções de racismo e formação social, a partir das pesquisas desenvolvidas por van Dijk (2013), articuladas às *relações de poder* e a *preconceitos raciais* expressados nas entrelinhas dos discursos. Através do estudo, foram analisados discursos cujo tema é o preconceito, observando sempre as possíveis contradições de concepções dos sujeitos informantes, expressadas nas *sutilezas preconceituosas* que, muitas vezes, acabam por passarem despercebidas entre os leitores e/ou ouvintes menos atentos.

Racismo e formação social: persistência do racismo na contemporaneidade

Sabe-se que, em pleno século XXI, o preconceito racista ainda persiste na sociedade brasileira e, infelizmente, levando em consideração os inúmeros casos de violência noticiados diariamente, por meio dos mais diversos veículos de comunicação, parece ainda muito distante do fim.

Conforme afirma Nunes (2010, p. 50), “O preconceito contra negros e mestiços pelo desenvolvimento dos fatos históricos (o culturalismo, o pós-guerra etc.) não é mais tão claramente assumido como no começo do século passado, mas não deixou de existir.”

Também, segundo Julio e Strey (2011, p. 43), “O Brasil é um país que se reconhece como sendo não racista e como sendo quase um paraíso de misturas étnicas e raciais.” Tal afirmação justifica-se pelo fato de que parte da sociedade brasileira não se reconhece abertamente como preconceituosa, mas ainda alimenta atitudes veladas que demonstram o quanto o racismo ainda está enraizado na formação social do país.

No entanto, Julio e Strey (2011, p. 43) destacam que “[...] a questão do racismo brasileiro fica cada vez mais complicada de se entender e, principalmente, como consequência, de se eliminar.” Urge, pois, a necessidade de uma percepção social sobre a existência e a persistência de práticas racistas, considerando que, muitas vezes, se prefere ‘imaginar’ que o racismo já é coisa ultrapassada a tentar enxergar o quanto a sociedade ainda sofre com sua presença.

Ainda, a partir de outra perspectiva, enquanto alguns indivíduos fazem questão de tentar se enganar sobre a inexistência de racismo na composição da sociedade atual, pode-se depreender que outros se tornam incapazes de perceber a persistência do racismo e das relações de poder na sociedade. Conforme afirma Fernandes (2014, p. 37), “[...] interpretamos o mundo com base em nossas representações sociais, ou seja, nossos sistemas de valores, atitudes, opiniões e avaliações, construídos por meio de nossas práticas cotidianas em determinado contexto social.”

Partindo do pressuposto de que a sociedade brasileira não se reconhece como racista, as demandas relativas a esse preconceito tornam-se mais complexas de serem analisadas, pois se não existe racismo, não há por que existirem políticas de igualdade racial ou até mesmo as famosas cotas raciais, assuntos bastante polêmicos de serem discutidos.

Percebe-se, por vezes, indignações daqueles que não sofrem com o racismo ao pedirem igualdade racial em seu proveito, levantando questionamentos, por exemplo, sobre os “benefícios” que os negros vêm recebendo através, por exemplo, do sistema de cotas nas universidades. Em contrapartida, outras discussões tais como as de um passado de repressões e de imposição de “ideais de branqueamento”, que ainda estão muito presentes na sociedade contemporânea, deixam de ser consideradas nos diferentes espaços sociais.

De acordo com Bolson (2016),

Revista *EnsiQlopédia*, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 123-132

Durante um período longo da história do país, o debate sobre a formação do povo brasileiro foi influenciado pelo chamado “ideal de branqueamento”, nesse conceito as políticas públicas que ocorriam desde o fim da escravatura e nos vinte primeiros anos da República visavam progressivamente reduzir as características negras. (p. 49)

A redução de *características negras*, presentes na história do país e citadas pela autora, assim como as concepções sobre os *ideais de branqueamento*, de certa forma, ainda estão refletidas na sociedade atual. Comprova tal procedimento social a propaganda de 150 anos da Caixa Econômica Federal, quando trouxe um ator branco para interpretar o escritor negro Machado de Assis. Essa propaganda, veiculada no ano de 2011, foi retirada do ar devido a inúmeras críticas realizadas através das redes sociais e de queixa formal encaminhada pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (Seppir-PR).

O caso mencionado pode ser compreendido como um exemplo de *sutileza* racista, tendo em vista a forma como um renomado escritor brasileiro é totalmente descaracterizado em uma propaganda veiculada em todo o país. Esse é somente um dos muitos exemplos que se poderia citar, em que há *marcas sutis de preconceito* identificáveis em diferentes linguagens.

Discursos sutilmente racistas: diálogos sobre relações de poder

Quando se fala em racismo nas perspectivas de Análise do Discurso Crítica - ADC, é possível que se proponham análises diretamente relacionadas às relações de poder, pois conforme afirma Fernandes (2014, p. 18), “A ADC busca desnaturalizar discursos hegemônicos; trazer para um primeiro plano lutas por poder, desigualdades sociais e questões relativas à discriminação, à exploração [...]”

Partindo desse pressuposto, ainda é importante ressaltar que a ADC, segundo a autora, desenvolve um papel fundamental no que se refere à [Revista EnsiQlopédia, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 123-132](#)

investigação do espaço do discurso nas transformações ocorridas socialmente. Dessa forma, a partir de percepções mais aprimoradas, se pode enxergar com precisão as mazelas que acabam por fazer parte das relações de preconceito e poder, mais precisamente de preconceito racista, objeto do presente estudo.

Como exemplifica Machado (2010, p. 65), “É comum no Brasil falas do tipo ‘você não é negro, é mais claro que eu, só tem o cabelo enrolado’, ou ainda ‘eu sou assim moreninha porque meu bisavô era negro, foi pego no laço’”. Discursos como esses exemplificados pela autora, e outros tantos, contêm concepções de preconceito racial; são frequentes no cotidiano, sendo veiculados nas mais diversas situações comunicativas.

De acordo com van Dijk (2013, p. 23), “No Brasil, o assunto social mais significativo é a dominação racista de afro-brasileiros em todos os matizes e cores, como é mostrado nas conversas diárias, e menos ruidosamente hoje nos discursos políticos oficiais, na mídia e nos livros didáticos.”

A ‘dominação’ constatada pelo autor pode também estar relacionada aos “ideais de branqueamento” e à incessante exploração de afro-brasileiros, seja de forma explícita ou velada. Cabe permanecer-se alerta à ideologia de tais discursos, concordando com Machado (2010, p. 133), quando diz que “o racismo e o preconceito, sejam eles velados ou explícitos, acabam por empurrar o sujeito negro para as margens da sociedade.”

Ainda é importante ressaltar que os efeitos do preconceito sutil ou velado não são minimizados nos sujeitos envolvidos nesse discurso. A partir dessa perspectiva, pode-se dizer que ambos os preconceitos são desencadeados pela falta de respeito às diferenças, sendo inegável que o preconceito explícito, muitas vezes, acaba por criar situações mais perigosas. Complementando e de acordo com Nunes (2010, p.50), “[...] embora exista a sutileza na discriminação, podemos encontrar também situações em que o racismo deixa de ser sutil e a violência corre a céu aberto”.

Pode-se dizer que a violência ainda se mantém viva e presente através de uma espécie de cultura racista, identificáveis em inúmeros procedimentos racistas da sociedade contemporânea.

Conforme van Djik (2013),

Já que o racismo não é inato, mas aprendido, deve haver meios para esse processo de aquisição ideológica e prática. As pessoas aprendem a ser racistas com seus pais, seus pares (que também aprendem com seus pais), na escola, com a comunicação de massa, do mesmo modo que com a observação diária e a interação nas sociedades multiétnicas. (p. 15)

A partir das colocações do autor, pode-se compreender que o racismo vem mantendo-se quase que como uma 'tradição', tendo em vista as formas como a cultura racista é gradualmente disseminada, o que dificulta quaisquer processos que venham surgir com o objetivo de eliminar toda e qualquer prática racista que ainda assola a sociedade atual.

Discurso e poder: a persistência do racismo em discursos sutilmente preconceituosos

O presente estudo foi realizado a partir de pesquisas bibliográficas em artigos, teses e dissertações, nas quais puderam ser levantadas informações relativas a discursos racistas e relações de poder. Seguiu uma análise documental contendo discursos sociais veiculados por meio de redes sociais, escritos em comentários de um mesmo autor, em momentos e com objetivos diferentes, e foram amplamente noticiados em veículos de comunicação. Observou-se que os discursos foram pautados em determinados tipos de preconceitos que, de certa forma, acabaram por demonstrar reflexões preconceituosas.

Além de informações sobre racismo e sua persistência na sociedade contemporânea, foram referidas teorias sobre análise do discurso e relações

Revista *EnsiQlopédia*, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 123-132

de poder, para poder compreender as influências da cultura racista e as marcas sutilmente preconceituosas presentes nos discursos analisados.

Análise de sutilezas racistas em discursos realizados em redes sociais

Por meio da rede social Twitter, a universitária gaúcha Marina Ceresa publicou, em agosto de 2013, uma série de mensagens com teor preconceituoso, nas quais se identificou racismo implícito e explícito.

No primeiro tweet, mensagem de no máximo 140 caracteres, a estudante escreveu *“Acabei de quase ser atropelada por um casal de negros. Depois vocês falam que é racismo, mas TINHA QUE SER, né?”*.

Nessa primeira mensagem, tenta justificar antecipadamente a menção ao casal de negros, sem sequer apresentar um argumento realmente palpável para a citação; demonstrando um racismo não sutil, tendo em vista a forma como inicia sua abordagem e como faz referência a sua existência.

Na sequência, escreve um segundo tweet, complementando o primeiro, com a seguinte frase: *“E estavam num carro importado, certo que é roubado”*.

Com essa inferência, a universitária questiona a formação moral do casal, levando em consideração apenas a sua cor, injuriando uma família com base em concepções preconceituosas que discriminam socialmente a população negra, dando sequência às ofensas racistas.

E, como se fosse encerrar seu discurso inicial, dois minutos após o último, a jovem posta um terceiro tweet com o seguinte conteúdo: *“Eu não sou racista, aliás, eu não tenho preconceitos. Mas cada vez que aprontam uma dessas comigo, nasce 1% de barreira contra PRETOS em mim”*.

Em relação às declarações realizadas, e na própria postagem “barreira contra PRETOS”, com ênfase à palavra “PRETOS”, escrita em letras maiúsculas/caixa alta, encontram-se marcas pouco sutis de racismo.

Após grande polêmica em decorrência das mensagens, e dizendo estar com muito medo por conta de ameaças sofridas, a estudante manifestou-se posteriormente através de uma segunda rede social, o FACEBOOK, na qual publicou um depoimento com o objetivo de justificar as mensagens racistas veiculadas a partir do twitter, dizendo que o motorista do carro não havia sido educado com ela, algo que, no primeiro momento, não foi explicado, mas não foi esquecido durante sua justificativa, tendo em vista a necessidade de compor argumentos que pudessem tentar amenizar o fato ocorrido.

Nessa justificativa, a estudante disse ter percebido que estava errada e novamente escreveu que não era racista e que tinha muitos amigos negros, enfatizando que “inclusive” fazia brincadeiras de todas as formas com eles. Nesse trecho, quando utiliza a palavra denotativa “inclusive”, acaba por dizer que até mesmo faz brincadeiras com eles, algo que, de certa forma, ainda deixa implícito o preconceito, afinal se são considerados amigos, são consequentemente passíveis de brincadeiras, como quaisquer outros.

De qualquer forma, os trechos analisados demonstram elementos racistas e estimulam à reflexão sobre a permanência de discursos preconceituosos na sociedade contemporânea, visto que, mesmo no texto no qual a estudante tenta justificar o teor racista de seu discurso, acaba por deixar traços de preconceito marcadamente sutis.

Considerações Finais

A partir do presente estudo, pode-se perceber, por meio de relações entre teorias e práticas em Análise do Discurso, o quanto o preconceito racista ainda está presente na sociedade contemporânea, trazendo reflexos muito próximos da cultura racista impregnada historicamente na formação social brasileira.

Ainda, vale ressaltar que, ao se analisar o racismo sutil presente em discursos sobre preconceito, muitas pessoas dizem não ser preconceituosas; porém, quando consideram necessário negar suas ações preconceituosas, deixam *marcas sutis* em seus discursos.

Dessa forma, identifica-se que, mesmo que o preconceito não necessariamente seja assumido em público, ainda está presente nos mais diversos meios e é veiculado a partir de discursos visivelmente carregados de ódio ou nas entrelinhas de discursos que se dizem defensores de igualdades, mas que acabam por demonstrar seu caráter pseudomoralista.

Referências:

BOLSON, B. H. A. Folha de São Paulo e o racismo no futebol brasileiro: análise das coberturas jornalísticas nos casos Desábato/Grafite e Patrícia Moreira/Aranha. 2016. 260 f. *Dissertação* (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social. PUCRS, Porto Alegre. 2016.

FERNANDES, A. C. *Análise de discurso crítica: para leitura de textos da contemporaneidade*. Curitiba: Editora Intersaberes, 2014.

JULIO, A. L. S.; STREY, M. N. A educação como mediadora de eliminação do racismo: uma questão de direitos humanos. *Revista Educação por Escrito*

Revista EnsiQlopédia, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 123-132

- PUCRS, v.2, n.1, jun.2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10923/9263>> Acesso em: 17 ago. 2017.

MACHADO, L. H. A. Professores negros, experiências de discriminação, de racismo e pedagogias anti-racistas. 2007. 202 f. *Dissertação* (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2010.

NUNES, S. S. Racismo contra negros: um estudo sobre o preconceito sutil. 2010. 227 f. *Tese* (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

TERRA. RS: Universitária gera revolta nas redes sociais após comentário racista. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/rs-universitaria-gera-revolta-nas-redes-sociais-apos-comentario/>> Acesso em 10 de setembro de 2017.

VAN DJIK, T. A. *Racismo e Discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2013.